

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

JORGE AUGUSTO DE OLIVEIRA

**Programa Domingo MAM: uma análise do fomento à
diversidade por meio da formação cultural continuada aos
domingos na marquise do parque Ibirapuera**

**São Paulo
2019**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

**Programa Domingo MAM: uma análise do fomento à
diversidade por meio da formação cultural continuada aos
domingos na marquise do parque Ibirapuera**

JORGE AUGUSTO DE OLIVEIRA

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Especialista em
Mídia, Informação e Cultura

Orientadora: Profa. Dra. Fabiana Felix do Amaral

São Paulo
2019

Programa Domingo MAM: uma análise do fomento à diversidade por meio da formação cultural continuada aos domingos na marquise do parque Ibirapuera¹

Jorge Augusto de Oliveira²

Resumo: O presente artigo discute uma forma específica de promoção à diversidade cultural por meio da ocupação física e simbólica da marquise do parque Ibirapuera através do Programa Domingo MAM, promovido pelo Museu de Arte Moderna de São Paulo. Gratuito e aberto aos interessados em geral, o programa foca-se principalmente no público que frequenta o entorno do museu aos domingos com o intuito de fomentar uma formação cultural continuada. Na cidade de São Paulo, onde predomina uma cultura de massas hegemônica que oprime e segrega a diversidade, localizar e analisar as formas de manifestação e expressão da diversidade e representatividade de grupos minoritários e sua dinâmica num espaço e tempo determinados complementam esta pesquisa.

Palavras-chave: Domingo MAM, Museu de Arte Moderna, São Paulo, parque Ibirapuera, diversidade, minorias, formação cultural.

Abstract: This paper discusses a particular form for promotion to cultural diversity through the physical and symbolic occupation of the marquise of parque Ibirapuera by means of Programa Domingo MAM sponsored by the Museu de Arte Moderna de São Paulo. Free and open to interested people in general and with the aim of fostering a continuous cultural formation, the program focuses mainly on the public that goes around the museum on Sundays. In the city of São Paulo where a hegemonic mass culture predominates that oppresses and segregates diversity, locate and examine ways of manifestation and expression of the diversity and representativeness of minority groups and their dynamics in a certain space and time to complement this research.

Key words: Domingo MAM, Museu de Arte Moderna, São Paulo, parque Ibirapuera, diversity, minority groups, cultural formation.

Resumen: El presente artículo discute una forma específica de promoción a la diversidad cultural por medio de la ocupación física y simbólica de la marquise del parque Ibirapuera a través del Programa Domingo MAM, promovido por el Museu de Arte Moderna de São Paulo. Gratuito y abierto a los interesados en general, el programa se focaliza principalmente en el público que frequenta el entorno del museo los domingos con el propósito de fomentar una formación cultural continuada. En la ciudad de São Paulo donde predomina una cultura de masas hegemónica que oprime y segrega la diversidad, localizar y analizar las formas de manifestación y

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Mídia, Informação e Cultura.

² Pós-graduando em Mídia, Informação e Cultura.

expresión de la diversidad y representatividad de grupos minoritarios y su dinámica en un espacio y tiempo determinados complementan esta investigación.

Palabras clave: Domingo MAM, Museu Arte Moderna, São Paulo, parque Ibirapuera, diversidad, grupos minoritarios, formación cultural.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda o fomento à diversidade cultural através de apresentações públicas e gratuitas de grupos e coletivos das minorias que buscam mais atenção e representatividade na sociedade. Para essa análise é trazida neste trabalho a experiência do Programa Domingo MAM, realizado pelo Museu de Arte Moderna de São Paulo. Trata-se de um projeto de extensão cultural de museu que transforma a ocupação do espaço público embaixo da marquise do parque Ibirapuera num espaço de visibilidade, consciência e resistência cultural, de forma gratuita e aberta aos domingos.

Diante de uma realidade neoliberal e conservadora na cidade de São Paulo que prima por hábitos culturais hegemônicos reduzindo a visibilidade de grupos sociais a margem dessa cultura massificada, onde a ideologia dominante trata a diferença como desigualdade e não como diversidade, há a necessidade de mostrar como as ações do programa vão de encontro a essa realidade ao possibilitar que grupos e coletivos sejam vistos, reconhecidos e tenham maior representatividade num espaço.

Para analisar a potência do projeto, realizou-se um estudo exploratório através de entrevistas e pesquisa qualitativa obtendo uma abordagem do tema em profundidade, além da observação participante (BRANDÃO, 1987) para fazer as associações necessárias desse fomento cultural no período considerado para a produção deste artigo. Participação *in loco* de algumas atividades, conversas com a equipe do programa e de um dos coletivos culturais da periferia que mais participa do programa complementam as reflexões deste trabalho.

Por fim, trazer essa experiência do Programa Domingo MAM e de um de seus coletivos participantes, contextualizando a dinâmica da proposta, compreendendo suas inter-relações a partir de inferências tomadas por conceitos próprios de uma teoria crítica e dialética é o foco deste artigo.

2. APONTAMENTOS SOBRE A DIVERSIDADE CULTURAL NA ATUALIDADE E A EXCLUSÃO DAS MINORIAS REPRESENTATIVAS

Partimos da afirmação de Terry Eagleton (2005) sobre a urgência do debate da diversidade cultural e o olhar para as minorias quando diz:

“A cultura exige dos que clamam por justiça que olhem para além de seus próprios interesses parciais, que olhem para o todo - quer dizer, para os interesses de seus governantes assim como' para os seus próprios. Não importa, assim, que esses interesses possam ser mutuamente contraditórios. Que a cultura venha a ser associada à justiça para grupos minoritários, como tem' sido atualmente, é, assim, um desenvolvimento decisivamente novo. ” (EAGLETON, 2005, p. 31)

Com base nos efeitos da globalização nas últimas décadas, o relatório mundial da UNESCO (2009) aponta que a diversidade cultural demonstrou um intercâmbio de culturas no mundo, além de processos de diálogo e troca, mas também exaltou as diferenças ocasionando numerosos conflitos que foram gerados “na medida em que a globalização aumentou os pontos de interação e fricção entre as culturas, originando tensões, fraturas e reivindicações relativamente à identidade”. (UNESCO, 2009, p. 3).

Mais a fundo, observamos que ideologicamente essa globalização é regida por um “neoliberalismo global que rapidamente se torna o senso comum de nossa época” (FUKUYAMA, 1989 *apud* HALL, 2008). Como consequência, a globalização consolida um padrão de poder mundial, estruturado e sistematizado em vários âmbitos da sociedade, como relata QUIJANO:

“Um, é o primeiro em que cada um dos âmbitos da existência social estão articuladas todas as formas historicamente conhecidas de controle das relações sociais correspondentes, configurando em cada área uma única estrutura com relações sistemáticas entre seus componentes e do mesmo modo em seu conjunto. Dois, é o primeiro em que cada uma dessas estruturas de cada âmbito de existência social, está sob a hegemonia de uma instituição produzida dentro do processo de formação e desenvolvimento deste mesmo padrão de poder. Assim, no controle do trabalho, de seus recursos e de seus produtos, está a empresa capitalista, no controle do sexo, de seus recursos e produtos, a família burguesa; no controle da autoridade, seus recursos e produtos, o Estado-nação; no controle da intersubjetividade, o eurocentrismo. Três, cada uma dessas instituições existe em relações de interdependência com cada uma das outras. Por isso, o padrão de poder está configurado como um sistema. ” (QUIJANO, 2005, p. 123).

Engendrado nesse sistema, presenciamos a forte influência de uma cultura de massas homogeneizante e que se impõe sobre a cultura popular (SANTOS, 2001). No entanto, essa tática encontra resistência das culturas preexistentes (SANTOS, 2001) formando o que Hall (2008) chamaria de um “paradoxo da globalização contemporânea” onde na superfície as realidades podem parecer culturalmente semelhantes entre si, mas mascaram a “proliferação subalterna das diferenças” (HALL, 2008, p. 60)

Acrescenta-se nessa cruel conjuntura que as minorias não dispõem de mecanismos ou portas para “participar plenamente da cultura moderna de massas”. (SANTOS, 2001, p. 70) Alguns setores da população, “como os grupos marginalizados e as minorias étnicas, estão demasiados ausentes da mídia” (UNESCO, 2009, p. 22) e a parte do “imperialismo cultural” (CANCLINI, 1988, p. 88). Dessa forma, os ‘de baixo’ têm de se utilizar de estratégias com ênfase em processos subversivos: nas formas de códigos e expressões não praticados pela sociedade hegemônica e formas de resistência (ZIBECHI, 2007) para sobreviverem ao cotidiano.

Conduzindo o tema para a América Latina, temos que esta foi se constituindo sob o domínio e regras de um padrão de poder mundial de caráter: “colonial/moderno, capitalista e eurocentrado”. (QUIJANO, 2005, p. 126)

Somente na década de 2000 que políticas mais participativas, em alguns países do cone sul, avançaram a planos estatais mais atentos aos movimentos sociais e à diversidade. Nisso, Zibechi (2007) considera também:

“(...) O movimento social latino-americano foi capaz de derrubar governos, frear processos de privatizações neoliberais e, sobretudo, erigir aos antigos habitantes do porão - os excluídos ou marginalizados - em atores centrais das lutas sociais. ” (ZIBECHI, 2007, p. 14)

Focalizando o Brasil, percebemos uma trajetória deficitária na atenção à diversidade cultural. Mesmo assim, as minorias resistem a sequências de governos ora autoritários ora opressores ora instáveis e seguem reivindicando progressos em políticas públicas que assegurem a grupos e pessoas das mais diferentes realidades uma convivência pacífica e harmoniosa, por meio de debates democráticos, reconhecimento e visibilidade das minorias tanto no cotidiano, como na mídia e no mercado.

3. SOBRE A TRAJETÓRIA DAS POLÍTICAS CULTURAIS NO BRASIL

O relatório da UNESCO (2009) destaca como o processo de globalização gerou aproximações e estranhamentos relacionados à diversidade cultural e também sinaliza que “não pode haver uma efetiva implementação dos direitos cívicos e políticos sem que as condições culturais necessárias para ajudar os indivíduos e os grupos a realizarem-se sejam elas próprias asseguradas.” (UNESCO, 2009, p. 28).

O relatório complementa que a “diversidade cultural representa hoje um desafio maior devido à composição multicultural da maioria dos países” (UNESCO, 2009, p. 28) Por isso, a urgência de implementar políticas públicas que reconheçam a diversidade e as diferenças culturais garantindo a participação política de todos os grupos visando minimizar as desigualdades, pois as minorias ainda não são suficientemente reconhecidas e integradas no tecido social (UNESCO, 2009)

Fazendo um recorte brasileiro, encontramos no país uma trajetória marcada pela ausência, autoritarismo e instabilidade das políticas culturais (RUBIM, 2008) que serão resumidamente explicadas a seguir³.

A ausência foi notada mais especificamente durante o colonialismo do governo português e mesmo após a independência onde o Estado era pouco atento às questões da cultura. Segundo RUBIM (2008) esse tema era tratado como um privilégio oriundo de uma sociedade de alta exclusão social.

No período da República houve algumas ações na área de patrimônio, porém a maioria eclesiásticas. Entre os anos de 1945 e 1964 com a designação de um ministério de Educação e Cultura (1953) avançou-se um pouco mais na área e foi criado o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB).

Durante a ditadura, deparamos com ações autoritárias ao mesmo tempo que o Estado foi mais ativo nas políticas culturais com o fomento à indústria cultural através da criação de dispositivos culturais e legislações para as artes, o cinema, a radiodifusão etc. (RUBIM, 2008). Porém, iniciativas balizadas por um regime de censura, repressão, exílio e outras graves opressões.

Já a instabilidade na gestão da cultura no país decorre da incapacidade dos governantes de formularem e implementarem políticas que transcendam os períodos

³ A história das políticas culturais no Brasil é marcada por muitos fenômenos: políticos, sociais, econômicos etc. além de episódios e fatos importantes gerando diversas consequências muito além do que foi relatado nesse tópico.

dos seus governos tornando-se políticas perenes de Estado no campo da cultura, como acontece em outras áreas da administração federal (RUBIM, 2008). Para exemplificar, resgatamos a lei Sarney, criada em 1986 que apoiava alguns incentivos à cultura, mas deliberando o poder decisório do investimento à iniciativa privada e que foi eliminada pelo governo Collor nos anos 1990. Na mesma década foi criada a Lei Rouanet (Lei 8.313/91) que junto com a Lei do Audiovisual (1993) “assumem o lugar das políticas estatais” (CASTELLO, 2002 *apud* RUBIM, 2008, p.186) ” onde no Governo FHC (1995) a cultura passou a ser vista como “um bom negócio” (RUBIM, 2008, p. 186).

Curiosamente, observa-se nesse percurso que “as culturas populares, indígena, afro-brasileira foram muito pouco contempladas por essas políticas culturais nacionais”. (RUBIM, 2008, p. 189) seja porque não eram consideradas dignas de receberem apoio do Estado e/ou da iniciativa privada, ou então eram pura e simplesmente reprimidas e silenciadas.

No Governo Lula, o Ministério da Cultura foi regido pelo artista Gilberto Gil onde houve uma atenção maior à cultura e à diversidade e o Estado assumiu um papel mais ativo na formulação e implementação de políticas de cultura seguindo a ideia de “força da luta contra o autoritarismo e o elitismo: a ampliação do conceito de cultura (GIL, 2003, p.10, 22, 44, 45):

“A assimilação da noção larga permite que o ministério deixe de estar circunscrito à cultura culta (erudita) e abra suas fronteiras para outras modalidades de culturas: populares; afro-brasileiras; indígenas; de gênero; de orientação sexuais; das periferias; da mídia audiovisual; das redes informáticas etc. ” (RUBIM, 2008, p. 195)

Uma das consequências desse percurso inconcluso, está no antagonismo gerado na gestão pública cultural do país onde de um lado temos “o projeto político democratizante” (DAGNINO *apud* TÁVORA, 2018, p. 16) e participativo baseado na Constituição Federal de 1988 e, do outro lado, políticas públicas generalistas e que visam “minimizar gradativamente a responsabilização do Estado, transferindo-a para a sociedade civil. ” (DAGNINO *apud* TÁVORA, 2018, p. 16).

Atualmente, nos encontramos diante de um panorama de incertezas⁴, onde no país, vivemos um período de crise: econômica, social, política e cultural e consequentemente uma indefinição dos rumos da sociedade. (ALMEIDA, 2016, p.

⁴ BAUMAN, Zygmunt. A cultura no mundo líquido moderno. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2013. 111 p.

61). Nas políticas culturais enfrentamos grandes conflitos pois temos a insurgência dos “movimentos de minorias” (negros, mulheres, gays, lésbicas, trans) (BORGES, 2016, p. 79) buscando visibilidade e representatividade em contrapartida à tradição de uma elite reacionária que busca manter um *status quo* nas formas de “colonialismo interno” (SALOMÃO, 2016, p. 134), patrimonialismo, racismo e segregação cristalizados na história do país, refreando o avanço de políticas tanto públicas quanto da iniciativa privada voltadas a esse tema.

No entanto, as minorias existem, resistem e coexistem na diversidade do Brasil. Para compreender melhor o potencial das minorias, aplicamos aqui sua definição não apenas como grupos sociais mobilizadores, mas “principalmente entendendo minoria como um dispositivo simbólico com uma intencionalidade ético-política dentro da luta contra hegemônica.” (SODRÉ *in* PAIVA & BARBALHO: 2005, p. 12) e, por isso, colocando-a como um conceito de lugar, como diria Sodré:

“Diferentemente de espaço abstrato, lugar é localização de um corpo ou de um objeto, portanto é espaço ocupado. Assim, dizemos que território é o espaço afetado pela presença humana, portanto um lugar de ação humana (...) O conceito de minoria é o de um lugar onde se animam os fluxos de transformação de uma identidade ou de uma relação de poder. Implica uma tomada de decisão grupal no interior de uma dinâmica conflitual.” (SODRÉ, 2005, p.12)

Diante deste contexto e consciente dessa realidade no Brasil, aproximamos o tema ao nosso objeto de estudo: Programa Domingo MAM - uma proposta desenvolvida pelo Museu de Arte Moderna de São Paulo que utiliza da ocupação de um espaço público, físico e abstrato, embaixo da marquise do parque Ibirapuera, possibilitando a visibilidade, reconhecimento e expressão das minorias por meio de uma programação gratuita aos domingos como veremos mais à frente.

4. O PROGRAMA DOMINGO MAM

O Programa Domingo MAM é um projeto implementado pelo Museu de Arte Moderna de São Paulo no ano de 2013. A instituição foi fundada em 1948 e está sediada embaixo da Marquise do parque Ibirapuera, na cidade de São Paulo. Por ser uma OSCIP (Organização da sociedade civil de interesse público) é mantida por

meio de incentivos de políticas federais e estaduais de fomento à cultura e captação de recursos da iniciativa privada.

Já o parque Ibirapuera é o maior e mais visitado parque da cidade de São Paulo, que pelo seu tamanho e população dispõe de poucas áreas de lazer público e gratuito disponíveis.

O parque é um ponto histórico de encontros de jovens de faixa etária predominante entre 13 e 24 anos e muitos deles costumam se concentrar próximos ao MAM (embaixo da Marquise), principalmente aos domingos, cujos encontros ficaram conhecidos como “rolezinhos⁵”.

Entretanto, nos “rolezinhos” e encontros no parque alguns jovens consumiam álcool e outras drogas lícitas e ilícitas, que quase sempre resultavam em cenas de violência, embriaguez severa entre outros problemas.

Frente a isso, o programa Domingo MAM foi instaurado para, além de tentar minimizar situações como essas, proporcionar uma programação gratuita e aberta, mas que acontecesse do lado de fora do museu objetivando transformar esse espaço social através de uma formação cultural continuada e diálogo entre os jovens.

Como esse programa está inserido nas ações do Museu de Arte Moderna de São Paulo, ele enquadra-se como um projeto de extensão cultural: “conjunto das atividades suplementares a uma instituição qualquer de cultura”. (MENDONÇA, 1946, p. 10) contribuindo para o seu papel no processo de inclusão cultural (Wilder, 2004).

Esse projeto teve início em outubro de 2013 (auge dos “rolezinhos”) e já atraiu mais de 30 mil participantes. Ele é coordenado pela educadora Barbara Ganizev Jimenez, desde o seu início em 2013, e está estruturado em seis eixos conceituais que exploram múltiplas facetas no desenvolvimento artístico, social e cultural do projeto: Artes Plásticas, Corpo, Cultura Popular, Cultura de Rua, Música e Diálogos e formação de Jovens.

Para o primeiro eixo: **Artes Plásticas** é montado um ateliê livre e aberto para quaisquer interessados em experimentar uma linguagem em artes plásticas: oficinas de desenho, pintura, colagem, bordado etc.

⁵ MAIA, Ana Maria. A marquise, o MAM e nós no meio. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2018.

Já o segundo eixo: **Corpo** fomenta questões relativas à dança e conscientização corporal.

O terceiro eixo: **Música** foca no contato com diferentes estilos musicais e oficinas de instrumentos.

O quarto eixo: **Cultura Popular** aborda o patrimônio cultural imaterial brasileiro através de manifestações populares, jogos e danças brasileiras.

No quinto eixo: **Cultura de Rua** já vai tratar da cultura urbana, mais próxima dos jovens e das periferias. Nesse eixo ocorre, por exemplo: a batalha de rap com *Mc's* além de oficinas de dança de hip hop.

No sexto e último eixo: **Diálogos e Formação de Jovens** há encontros que visam refletir, compreender e debater temas ligados às questões de identidade, gênero, cultura e cidadania. Esse eixo visa promover o empoderamento dos jovens dentro de suas realidades. Segundo a coordenadora do programa: “já foram abordados temas como: Feminismos, *bullying*, cultura LGBTQ+ entre outros”, explica.

Além desses eixos estruturais, o programa foi implantado também para que, a partir do levantamento dos desejos e questionamentos dos jovens, a equipe do programa possa trabalhar em cooperação com eles incentivando a tornarem-se propositores de suas próprias ações.

Dentre os grupos que se apresentam com periodicidade, temos o coletivo Breaking Ibira: grupo que promove roda de treinos e campeonatos de break com *b. girls* e *b. boys*. Os proponentes e participantes são em sua maioria moradores de bairros periféricos da cidade de São Paulo e Grande São Paulo. Por isso, uma entrevista foi realizada com este grupo para enriquecer a análise deste trabalho.

5. O FOMENTO DO PROGRAMA DOMINGO MAM À DIVERSIDADE E REPRESENTATIVIDADE POR MEIO DE ATIVIDADES GRATUITAS E EXTERNAS AO MUSEU

Partindo do pressuposto que o programa Domingo MAM envolve uma série de atividades culturais de forma contínua e perene (um projeto já consolidado): eventos, rodas de debates e apresentações de grupos e coletivos que difundem a diversidade balizados por premissas sociais, culturais e dialógicas estabelecidas,

buscou-se analisar como funciona a dinâmica do programa Domingo MAM, resgatando sua origem, analisando criteriosamente seus eixos conceituais e atividades regulares, além de conhecer mais a fundo um dos coletivos que participa regularmente do programa.

Iniciou-se por meio de pesquisa exploratória e qualitativa realizada através da análise de dados primários (entrevista com a coordenadora do programa) e levantamento de dados secundários (informações públicas e documentos internos do projeto), complementado com a observação participante e finalizado com a entrevista com o coletivo Breaking Ibira.

Para o estudo exploratório utilizou-se da entrevista em profundidade baseando-se nas divisões propostas por Selltitz *et. al.* (1987) com pesquisa qualitativa contendo questões semiestruturadas. Foram realizadas duas entrevistas, uma com a coordenação do programa e outra com o coletivo mais frequente do programa. O caráter das entrevistas foi semiaberto seguindo um roteiro de perguntas com o intuito de obter uma abordagem do tema em profundidade. Portanto, não se esperou com isso respostas determinadas, mas que colaborassem substancialmente para o propósito deste projeto.

Duarte (2006) reforça esse modelo de pesquisa quando afirma que:

“(...) o fornecimento de elementos para a compreensão de uma situação ou estrutura de um problema. ” Deste modo, como nos estudos qualitativos em geral, o objetivo muitas vezes está mais relacionado à aprendizagem por meio da identificação da riqueza e diversidade, pela integração das informações e síntese das descobertas do que ao estabelecimento de conclusões precisas e definitivas”. (DUARTE, 2006, p. 63)

Sobre o início do projeto, a coordenadora do Programa Domingo MAM: Barbara Ganizev Jimenez, explica que foram realizados diálogos com os jovens frequentadores do parque Ibirapuera onde diversas questões foram trazidas como: conflitos familiares, busca por reconhecimento e aceitação de suas identidades de gênero e gostos. Então, frequentar o parque aos finais de semana tinha outros motivos e significados além da ocupação do espaço para o lazer pois alguns grupos buscavam construir seus “espaços de liberdade”, complementa a coordenadora.

Dessa forma, foi inserido no escopo do projeto que esses grupos pudessem ser então agentes de sua própria história, além de promover uma transformação social e cultural do espaço.

Almeida (2016) explica esse fato quando especifica que na cidade de São Paulo encontramos uma efervescência cultural das minorias, oriundas principalmente das periferias, mas que buscam visibilidade, representatividade e afirmação dos grandes centros urbanos. O autor ainda atenta para a dificuldade das tradicionais instituições públicas e privadas manterem sob controle toda essa diversidade presente dentro da lógica do capital.

Exemplo disso é o próprio MAM onde não está inserido nos seus objetivos atuar diretamente com a diversidade, seja como um projeto curatorial e/ou artístico. Por isso, uma das ações do Programa Domingo MAM foi a de prospectar parceiros e instituições que tivessem vivências e propriedade para articular temas como: cultura LGBTQ+, ocupação do espaço público, cidadania, arte e cultura popular brasileira entre outros, que segundo a coordenadora:

“(...) todos que frequentam o entorno do museu tem acesso a diferentes linguagens artísticas e manifestações culturais brasileiras ou tradicionais que integraram e formaram nossa cultura. ”
(JIMENEZ, Barbara Ganizev, informação verbal)⁶

Partindo para a observação *in loco* das atividades e separando as análises pelos eixos temáticos do programa, foi percebido que no primeiro eixo: **Artes Visuais**, que ocorre aos domingos pela manhã, uma menor frequência de ocorrer do que os demais eixos, além de menor aderência do público. Isso porque, em muitos domingos as vias de acesso ao parque são interditadas para corridas e eventos deixando o parque com menos público. Já os demais eixos são revezados ao longo dos domingos, acontecendo sempre no período da tarde.

No segundo eixo: **Corpo** foi observado o grupo Breaking Ibira – que são campeonatos de dança com a participação de *b. girls* e *b. boys*. Eles exaltam a cultura das periferias urbanas, utilizando-se do hip hop e do break. Muitos jovens se identificam com o estilo e a música que esse campeonato estimula e apoiam a iniciativa do break.

No terceiro eixo: **Música**, um dos coletivos mais frequentes é a Banda Alana – grupo musical formado por crianças e jovens da periferia que trazem em seu repertório muito MPB. Pela quantidade de participantes, instrumentos musicais,

⁶Entrevista concedida por JIMENEZ, Barbara Ganizev. Entrevista I. [nov. 2018]. Entrevistador: Jorge Augusto de Oliveira. São Paulo, 2018. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A deste artigo.

potência do som e músicas brasileiras conhecidas atraem *quórum* significativo, tomando um grande espaço embaixo da marquise.

No quarto eixo: **Cultura Popular** notou-se uma aproximação com traços da cultura brasileira que eram desconhecidos ou esquecidos pelos jovens. Foi presenciado nesse projeto um grupo de capoeira onde o objetivo era proporcionar ao público a oportunidade de participar da roda. Atraiu um público expressivo, ainda mais por se tratar de uma atividade que interagia com o público despertando atenção.

No quinto eixo: **Cultura de Rua** observou-se o empenho, dedicação e criatividade dos jovens numa batalha de rap com *MC's*. Nos diálogos entre os participantes durante a batalha percebe-se um discurso carregado de exclusão social, preconceito, lutas diárias por reconhecimento, espaço e melhores condições de vida e dignidade, além de paixões e sonhos duramente reprimidos pelas suas condições de vida.

No sexto e último eixo: **Diálogos e Formação de Jovens** foi acompanhado o coletivo A Revolta da Lâmpada – grupo criado para combater a homofobia após os crimes ocorridos na região da Avenida Paulista na cidade de São Paulo no ano de 2010, onde grupos utilizavam lâmpadas fluorescentes para agredir rapazes LGBTQ+. O tema assistido na ocasião foi “Interseções do nosso HIV/aids: mulheres, negros e LGBTQ+”. No bate-papo foi contextualizada a questão do HIV na atualidade desde a diferença entre ser portador do vírus ou estar doente, passando pela prevenção e chegando nas experiências de quem convive com a doença. A tônica da conversa foi enfatizar a realidade de quem é negro, mulher e LGBTQ+ e que sofrem, além do estigma da aids, um acúmulo de preconceitos da sociedade.

Percebeu-se no diálogo como os discursos da cultura de massa acabam sendo excludentes ao invés de acolhedores, pois não incentivam o empoderamento do indivíduo quanto ao seu corpo e sua sexualidade, mas sim ameaçam-no com uma vida indigna caso adquiriram uma doença venérea. Interessante foi observar como um tema complexo e repleto de tabus foi bem recebido pelo público, incluindo crianças e idosos, e sem nenhuma crítica, repúdio ou censura.

Em conversa com a coordenadora do programa para compreender melhor esse eixo (Diálogos e Formação de Jovens) e a boa recepção do público, ela explica que esse eixo é o que requer mais cuidado e tato pois aborda temas complexos. E complementa que nunca houve repulsas ou críticas, pelo contrário, sempre geram

interesse e conscientização, justamente por abordar temas de grande importância na sociedade através de um diálogo aberto.

Analisando a dinâmica do programa sob outra perspectiva, entrevistou-se o grupo Breaking Ibira, coletivo da periferia de São Paulo, que ocupava a marquise do parque Ibirapuera aos domingos e foi convidado pelo museu a integrar a programação do Domingo MAM. Segundo explicação do próprio coletivo, o break é um estilo de dança que surgiu na década de 1970 nos EUA nas comunidades negras e latinas. Sempre associado à cultura das periferias espalhou por outros países e inspirou outros ritmos como o funk. As batalhas de break surgiram como forma de canalizar a violência sofrida pelos praticantes, seja pela opressão da sociedade, seja pelas rivalidades entre gangues.

Na cidade de São Paulo o estilo ficou mais conhecido na década de 1980 quando as proximidades da estação de metrô São Bento viraram ponto de referência dos adeptos de break. Posteriormente, os praticantes formaram grupos (*crews*) e iniciaram as competições e batalhas com *b. girls* e *b.boys*. Com o passar dos anos, o ponto de encontro deslocou do centro da cidade de São Paulo para o parque Ibirapuera, coincidentemente próximo do MAM, embaixo da marquise. Em 2017 o grupo foi convidado a fazer parte da programação do Domingo MAM.

É preciso reforçar como esse exemplo de cultura de rua, transmitido pelo break e também por outros estilos como o hip hop sofreram e sofrem exclusão e muitas vezes repressão. Durante as apresentações foi percebida uma expressão da diversidade e formas de resistência cultural através da própria dança. Para os integrantes do grupo, o “*breaking* não é uma dança da moda, é uma dança da resistência cultural (...) e vai continuar existindo” e complementam (...) só permanece quem ama a parada, e isso independe do cenário político⁷. ”

Outro ponto de atenção importante a ser observado está no fato dos participantes e público interagirem com outras pessoas das mais diversas condições e origens. Distintas faixas etárias, interesses culturais, classes sociais, formam o público ativo das programações, potencializando o pertencimento de cada um. Por exemplo: foram observadas crianças olhando para casais do mesmo sexo, sem repulsa ou estranhamento.

⁷ Entrevista concedida por VIEIRA, Thiago. Entrevista II. [jan. 2019]. Entrevistador: Jorge Augusto de Oliveira. São Paulo, 2018. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B deste artigo.

Com base em todas essas informações, verificou-se então como essas oficinas e atividades culturais trazem uma reflexão constante do espaço da marquise e do Parque Ibirapuera, um estímulo para pensar sobre a história daquele espaço até se constituir um patrimônio da cidade de São Paulo, relacionando-o com a história da própria cultura de rua paulista. Ou seja, temas que buscam expandir a consciência a respeito de sua identidade e história dos indivíduos e grupos que estão ocupando aquele espaço.

De um modo mais amplo, fazendo uma inflexão com as crises ideológicas, econômicas e políticas mencionadas nos tópicos anteriores, nota-se que o projeto para o fomento da cultura atual busca, em parte, legitimar formas do exercício de poder e organização social através da imposição de uma cultura hegemônica, pautada na lógica mercantil, onde se não houver o fluxo do capital, há a segregação e aumento da desigualdade. Porém, inferimos que os conflitos culturais ficam evidentes como explica Almeida: “racionalidades diversas, modos distintos de sentir o mundo e novas concepções de tempo e espaço para além da economia e da política, também se materializam na cultura em geral” (ALMEIDA, 2016, p. 61), conforme exemplificado pela potência e fecundidade do Programa Domingo MAM.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, buscou-se compreender como o Programa Domingo MAM promove e permite visibilidade a expressões culturais de grupos subalternos, fora do eixo da cultura dominante e massiva, através do projeto de extensão cultural do museu.

O Domingo MAM opera olhando para públicos que são negados pelas classes dominantes. Tem o potencial de promover o fortalecimento da cidadania através da ressignificação da ocupação de um espaço público, tornando-o democrático ao promover maior evidência para a diversidade. Os grupos já existiam no parque mas careciam, e ainda carecem de maior visibilidade e de uma convivência de qualidade, onde possam existir, resistir e também coexistir.

Observou-se também que o programa é um projeto peculiar do museu focado no diálogo sobre minorias, cultura popular e diversidade que muitas vezes são temas “esquecidos” ou omitidos por uma cultura de massa conservadora e alienada.

Extraímos dessa experiência também o quanto precisamos de um olhar mais abrangente sobre a cultura e a diversidade na cidade de São Paulo, pois apenas nessa região e dentro de um espaço como o parque Ibirapuera e num determinado período de tempo (domingo) compreendemos a maneira como diversos grupos sociais da diversidade ocupam um espaço, se afirmam, se expressam, se identificam, entram em conflito, dialogam e existem.

Por fim, refletimos sobre necessidade de repensar a própria democracia, formas de participação social, de combate às desigualdades e do desenvolvimento de políticas públicas culturais mais atentas, amplas, eficazes e perenes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Estado e cultura: políticas de identidade e relações econômicas**. Revista Observatório Itaú Cultural. São Paulo, n. 21, p. 59-73, nov. 2016/maio 2017

AMARAL, Fabiana Felix do; OLIVEIRA, Dennis de. **A potência política dos territórios periféricos na metrópole de São Paulo**. 2017. Disponível em < <http://biblioteca.uniminuto.edu/ojs/index.php/POLI/article/view/1594> >. Acesso em: 13.09.2018.

BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2013. 111 p.

BORGES, Rosane. **Imaginário e política: a constituição material da subjetividade**. Revista Observatório Itaú Cultural. São Paulo, n. 21, p. 78-85, nov. 2016/maio 2017

BRANDÃO, C. R. **A participação da pesquisa no trabalho popular**. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). Repensando a pesquisa participante. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRASIL. Lei Rouanet. **O que é a Lei Rouanet**. Brasília, DF, 2019. Disponível em <<http://rouanet.cultura.gov.br/o-que-e/>> Acesso em: 13.01.2019.

_____. LEI No 8.685, DE 20 DE JULHO DE 1993. Cria mecanismos de fomento à atividade audiovisual e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 20 jul. 1993.

CANCLINI, Nestor García; RONCAGLIOCO, Rafael. **Cultura transaccional y culturas populares - bases metodológicas para la investigación**. Lima, Peru: IPAL, 1988.

DAGNINO, Evelina in TÁVORA, Tatiani. **Sociedade civil e gestão da cultura: relevância e meios para a participação**. 2018. Revista do Centro de Pesquisa e Formação. São Paulo, n. 07, p. 07-20, nov. 2018. Disponível em < http://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/revista/Revista_CPFn07.pdf >. Acesso em: 13.01.2019.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: UNESP, 2005.

GIL, Gilberto. **Discursos do Ministro da Cultura Gilberto Gil**. Brasília: Ministério da Cultura, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A. 2011.

MAIA, Ana Maria. **A marquise, o MAM e nós no meio**. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2018.

MENDONÇA, Edgar Sussekund de. **A extensão cultural nos museus**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

QUIJANO, Aníbal. **Dossiê América Latina**. Lima: Libros y Artes. Revista de Cultura de la Biblioteca Nacional del Perú, 2005

RUBIM, Antonio Albino Canelas. **Políticas culturais do governo Lula/Gil: desafios e enfrentamentos**. Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, v.31, n. 1, p. 183-203, jan/jun. 2008.

SALOMÃO, Salloma. **Que cidade te habita? Sampa negra: periferia, contracultura e antirracismo**. Revista Observatório Itaú Cultural. São Paulo, n. 21, p. 130-163, nov. 2016/maio 2017.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização. Do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Record, 2001.

SELLTIZ, Claire; WRHIGHTSMAN, Lawrence S.; COOK, Stuart Wellford. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: EPU, 1987

SODRÉ, Muniz. Por Um Conceito de Minoria. In: BARBALHO, Alexandre; PAIVA, Raquel (orgs). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005.

UNESCO. **Relatório mundial da UNESCO: investir no Diálogo Intercultural**. França: UNESCO, 2009.

WILDER, Gabriela Suzana. **Inclusão social e cultural: arte contemporânea e educação em museus**. São Paulo: UNESP, 2009.

ZIBECHI, Raúl. **Autonomías y emancipaciones. América Latina en movimiento**. Lima: UNMSM, 2007.

_____. **Territorios en resistencia. Cartografía política de las periferias urbanas latino-americanas**. Buenos Aires: Lavaca Editora: 2007

APÊNDICE A – Entrevista com a gestora do programa Domingo MAM: Barbara Ganizev Jimenez

A1 Entrevista presencial realizada em 30/11/2018

Nacionalidade: brasileira Idade: 27anos Profissão: Educadora e coordenadora do Programa Domingo MAM no Museu de Arte Moderna de São Paulo

1. Quem são os gestores do programa: formação, atuação no MAM e quanto tempo de atuação?

Temos a Daina que é a coordenadora do setor Educativo do MAM, eu Barbara Ganizev Jimenez sou a responsável pelo programa Domingo MAM. Daina é formada em Psicologia e eu sou formada em História. Daina tem mais de 10 anos de experiência no MAM e eu tenho 7. Em 2013 quando o programa surgiu eu era estagiária, em outubro de 2013, porém eu já estava muito envolvida com as ideias das atividades. Logo em 2013 no planejamento do programa eu convidei um primeiro grupo para participar. E logo no início de 2014 eu fui efetivada e aí foi uma coisa natural eu ir assumindo o programa e logo a Daina me convidou para assumir o programa, portanto não teve nenhum gestor anterior.

2. Como são feitas as escolhas dosicineiros: eles enviam propostas ou vocês pesquisam as atividades e entram em contato?

Tem de tudo. O mais recorrente é indicação ou através de convites meus mesmo. A gente não recebe tantas propostas assim por e-mail, mas já aconteceu da gente receber propostas por e-mail e contratar a pessoa. Não é a maioria dos casos, mas isso já aconteceu sim. Ah, o que seria a maioria então, como que acontece essa seleção? Precisam ser pessoas que desenvolvem trabalhos artísticos que tenham a ver com os eixos do Domingo MAM, precisam apresentar um trabalho artístico que tenha um cunho educacional forte e tem que haver o próprio interesse da pessoa. Isso porque as vezes a pessoa tem muita vontade de dar um curso no MAM, mas não tem o perfil de ir para fora, na marquise, ou seja, ela tem que topar a dinâmica do Domingo MAM, que é o que: estar disponível para o público que está aparecendo, não ter nenhuma limitação de tipo de público, topar mudar a proposta no meio da atividade, porque é um espaço público.... Isso já vai reduzindo bastante as pessoas que vão querer atuar no programa Domingo MAM. Diferente do que ter uma inscrição para um curso/oficina que acontece dentro de uma sala fechada e você como professor fazer exatamente o que foi planejado. O Domingo MAM não tem isso. Também precisam ser pessoas que, além de serem artistas e educadores bons e interessantes, eles precisam ter uma qualidade de atuação com o público ali ao vivo em grande volume. Então, isso também é uma coisa que eu olho: se a pessoa tem empatia, é dinâmica, como é ela atuando com as pessoas ali, se é uma pessoa flexível, se ela tem força mesmo porque fazer uma atividade de dança entre quatro paredes é uma coisa e num lugar público, aberto é outra. Então, precisa ter essa qualidade de trabalho forte. Às vezes eu recebo uma proposta que é muito legal e começo a conversar com a pessoa, começo a explicar claramente como é o Domingo, porque as vezes até a pessoa desiste, elas pensam e acham que não tem a ver com elas essa proposta, enfim...

3. O que deve conter na proposta de atividade/ oficina?

Não temos nada formalizado para o envio da proposta. Cada um pode achar a melhor forma, porém eu sempre peço: fotos, principalmente se a proposta já foi realizada, se tiver vídeos melhor ainda. Se o contato quer mandar um currículo também pode. Mas o material audiovisual é o mais importante para o Domingo porque assim eu consigo entender se aquela proposta é uma proposta entre quatro paredes, se aquela pessoa está tentando encaixar lá fora, ou se ela já é funcional para o espaço do Domingo. Quer dizer, eu já começo a imaginar ela no programa. Se a pessoa manda um PDF, um resumo tudo bem, por que esse é só um primeiro olhar. Aí começam as conversas, são nelas que eu vou realmente conhecer a pessoa, explicar como funcionamos, a nossa infraestrutura, básica e ideal. Então, é isso.

4. Internamente, quem aprova a proposta para inserir na grade de programação?

Eu trabalho muito em parceria com a Daina, então as programações sempre passam por ela e principalmente quando é uma coisa muito nova. Mas por exemplo: nós já fizemos muitas oficinas com danças brasileiras, então se é um convidado novo que irá oferecer uma outra oficina de dança brasileira, isso passa pela Daina, mas é mais simples porque já está no nosso usual. Mas se nós quiséssemos fazer um festival de curtas na marquise, isso sim irá ser acompanhado pela Daina, pois é algo novo. Porém, eu tenho autonomia para decidir, apresentar e saber a pertinência de cada proposta. O nosso trabalho tem muita credibilidade, então não tem muita necessidade de aprovação detalhada de outras áreas internas do museu: curadoria, superintendência, até porque a gente faz tudo em consonância com o que o museu acredita.

5. Já aconteceu de algum grupo ser convidado a sair do programa? Por qual motivo?

Sim, bem poucos mesmo que nós não voltamos a trabalhar juntos. Motivos: primeiro a atividade não atingiu as nossas expectativas. Expectativas em que sentido: no trato com o público, no diálogo, seguindo os critérios de avaliação. Então assim, se a atividade não atingiu esses pontos, ele não retornou para cá. Exemplo: nós deixamos muito bem alinhados com os propositores antes da atividade o nosso posicionamento político-pedagógico, o cuidado ao se falar com o público, como as falas vem no sentido de acolhimento, de criação de novas possibilidades juntos. Então se um propositor em uma postura radical no meio da atividade, de agressividade, como já aconteceu, nós educadores que estamos sempre presentes, mediando e contribuindo e apoiando e participando das propostas, além de interferir no momento nós não voltamos a trabalhar com essa pessoa. Isso é uma coisa determinante, tem que estar na cabeça que isso é um trabalho educativo. E também tem os casos que a proposta foi super legal, o propositor foi incrível, mas não deu certo lá fora. Então, ele não será mais convidado a participar porque não tem a ver o ambiente externo do Domingo MAM.

6. Tem alguma avaliação ou conversa após a realização da atividade?

Adesão do público, permanência nas atividades, se a atividade cria novos possíveis, por exemplo: nossa, depois de fazer essa oficina ela pode se desdobrar em outras coisas, percebemos isso como algo potente. Diálogo: se proporcionou diálogo entre os participantes, um ambiente fértil de troca, se proporcionou diálogo entre os participantes e o museu – criou ali um canal de comunicação, entre o propositor e os participantes, como é que foi esse diálogo entre eles e entre o propositor e o museu.

Todos os domingos, os educadores que acompanham o programa produzem um relatório. Esses relatórios são lidos por mim que produzo no final do ano um arquivo com os relatórios compilados para consultas e também um relatório geral de como foi o programa durante o

ano, que caminhos foram escolhidos para podermos pensar por onde queremos ir no ano seguinte.

Com os oficineiros, após a atividade, eles já tem um feedback de como foi e dependendo do caso a gente também encaminha um feedback. Às vezes nem é necessário porque conversamos bastante depois do programa.

7. E a avaliação com o público, acontece?

Sobre o público, nós contabilizamos o público que participa de todas as atividades, mas o Domingo MAM ele atuou durante todos esses anos num corpo a corpo da equipe do museu com o público, então a gente ficava o tempo inteiro conferindo com o público participante como é que estava sendo as atividades: e aí o que você está achando? Como é que você vê isso? E fazendo também propostas onde o público pudesse deixar o que ele gostaria que tivesse na programação. Então, fomos criando vários dispositivos que eram tanto de conversa quanto de deixar uma avaliação mesmo por escrito para ouvir o que o público tem a dizer: se foi legal! Se não foi! Podia ter mais disso! Podia ter mais daquilo! E coisas do tipo. Isso aconteceu muito forte até 2017. Neste último ano o público do Domingo mudou muito por conta de alguns motivos. O que conseguimos mapear: o preço do transporte público elevou bastante o que dificultou para as pessoas acessarem o parque aos domingos. A Avenida Paulista ficar aberta é incrível no final de semana e deu mais uma alternativa para as pessoas estarem aos domingos. Tivemos um período de intervenção policial forte no parque, onde muitos jovens eram revistados de forma intensa. Isso diminuiu a frequência dos jovens. Além de variáveis que desconhecemos. Então, como diminuiu o público, este ano a gente não atuou com nenhuma proposta de coleta de avaliação escrita, apenas algumas conversas.

8. Alguma programação do Domingo MAM já sofreu críticas do público?

Não. O público sempre recebeu bem todas as atividades. Nunca recebemos críticas nesses cinco anos. A única coisa que a gente passava, principalmente nos dois primeiros anos, talvez um pouco no terceiro ano também, é que como estava uma situação de violência muito grande no parque, aconteceram brigas muito violentas próximas e a gente precisou encerrar a atividade prezando pela segurança dos participantes. Mas não eram contra o museu, Domingo MAM nem nada do tipo, era um outro conflito ao lado, mas que de repente interrompia a atividade com uma briga de faca, por exemplo. E aí, precisávamos parar para a segurança de todos e depois retomar. Mas nunca contra a atividade, acho que por sempre o programa se apresentar de uma maneira muito tranquila, não agressiva, respeitosa com as diferenças, abertas à escuta... então isso facilita bem ter um diálogo mais aberto. A gente mais recebe sugestões do que poderia ter no programa do que reclamações. Recebemos muitos elogios, muito mesmo. As pessoas geralmente quando participam das atividades ficam muito tocadas, após o término costuma vir falar com o pessoal do Educativo: nossa fiquei muito feliz de ter participado!

9. Como foram determinados os subsídios: financeiro, equipe, espaço etc. Para a realização desse programa?

Quando o Domingo MAM começa, ele começa dialogando com uma situação de risco social: comas alcohólicas, brigas e espancamentos. E tudo isso foi feito muito em parceria com a administração do parque Ibirapuera e com o Ministério Público. Então foram feitas diversas reuniões com várias instituições, pensando no que fazer com essa situação que o parque enfrentava e o MAM foi a instituição que abraçou isso de forma perene, não apenas fazer uma iniciativa e parar. O que acontece é que quando o Domingo MAM é criado, e compreendida a necessidade dele existir e os frutos que estavam sendo colhidos dessa relação com os jovens e públicos da marquise, estava se colhendo uma relação incrível,

onde o museu estava aprendendo muito, então o museu transforma o Domingo MAM, ou seja, a teoria foi feita com a prática ao mesmo tempo, em algo permanente. Então, se é um programa permanente, ele entra no Business Plan do setor Educativo como um programa onde precisa ser destinada uma verba anual. Contudo o Domingo MAM já ganhou dois prêmios: Prêmio Darcy Ribeiro de educação em museus no ano de 2015 e a Menção Honrosa no Prêmio Ibero-americano em 2016 e agora estamos concorrendo a outro. Isso também entra com aporte financeiro para garantir que o programa exista e alguns patrocínios de empresas.

10. Você considera o Domingo MAM como um espaço que permite maior representatividade das minorias e da diversidade?

O Domingo MAM é sobre isso! Então, basicamente ele começa olhando para um público que está “esquecido no parque Ibirapuera” que são os jovens em situação de risco, com uso de drogas lícitas e ilícitas e ele vai para essa realidade principalmente não só para atendê-lo mas pensar junto com ele o que gostaria de se construir nessa marquise. O Domingo MAM é resultado disso, então todas as propostas do Domingo MAM vêm no sentido de: fortalecer os direitos humanos, que são direitos de ir e vir, de falar, de existir... Ele vem para trazer diversidade. Então nas propostas os propositores mesmos fazem parte de núcleos de diversidade social, sexual, de gênero, política, regional. Logo, as programações vêm para fortalecer a diversidade, para fortalecer um espaço democrático que é o espaço público com qualidade de convivência. Então, vai abrir possibilidades e fortalecer as possibilidades que já existem de grupos diferentes que já existem no parque de coexistirem de forma potente e com qualidade, ou seja, a qualidade da convivência. Quer dizer, não é só nas brigas que tinham. Antes de começar o Domingo MAM, os grupos diversos, com pouca visibilidade e voz já existiam aqui no parque, nós não trouxemos eles nem os inventamos, porém, não havia uma convivência com qualidade e possibilidades de criar e aprender juntos. Muitas vezes eram grupos que entravam em conflitos e brigas violentas. Então o Domingo MAM vem para mostrar que: olha só, já existe essa diversidade aqui, vamos todo mundo ganhar consciência real dela e coexistir, cada dia vai ser uma programação, hoje foi para o pessoal do hip hop, no próximo domingo será o do funk e na outra semana será sobre LGBTQ+, O próximo sobre genocídio negro... A programação é diversa porque ela leva em consideração que o público do parque Ibirapuera é diverso, que a cidade de São Paulo é diversa e que o Brasil é diverso. Então sim, aqui é o lugar de dar voz, é o lugar para vir refugiados apresentarem seus trabalhos, é o lugar para falar da cultura popular brasileira que é importante para a nossa história também, é o lugar para discutir sobre HIV, para falar sobre preconceito, sobre liberdade de expressão. Porque no final das contas, é um programa educativo, então ele tem essa responsabilidade, não só cultural, mas social e pedagógica frente ao público do parque.

E virou o espaço onde o museu também dá conta disso de forma sólida e objetiva, virou a programação do museu onde se sabe que vai falar sobre diversidade sexual e de gênero, onde vai falar sobre direitos humanos toda a semana, porque nós temos algumas exposições que falam sobre isso, mas acabam sendo esporádicas. O Domingo MAM é um programa permanente que garante que o museu não vai deixar essas pautas serem esquecidas.

A lógica é que o MAM vai acreditar então que ele como museu significa coisas né na arte, na cidade. Quando ele faz as programações está dizendo: olha isso é importante. Mas ele também é ressignificado pelas pessoas que o ocupam, porque o Domingo MAM é um programa que nasce do público, não é uma coisa que o museu tira de dentro dele e apresenta e fala: olhem isso aqui que legal! Ele está na verdade dando espaço para coisas que já existem poderem acontecer no museu. Então, é o museu olhando para a sua comunidade, ou seja, não são as pessoas que habitam o parque Ibirapuera no sentido de morar, mas que habitam no sentido de estarem aqui nos finais de semana. Ele olha para a comunidade, olha para o seu entorno. É um museu para além do seu acervo, a palavra

museu foi se ressignificando muito durante a história e hoje o museu está também tem uma responsabilidade com a sua comunidade, com seu entorno. E a nossa comunidade é o parque Ibirapuera, o maior parque urbano da cidade de São Paulo, um dos poucos espaços abertos públicos e gratuitos. Então vem muita gente para cá nos finais de semana, pessoas diferentes, de regiões diferentes, então é uma comunidade que exige uma responsabilidade grande. Então sim, o museu está consciente que está dando importância para essas pessoas e está, através do Domingo MAM, ouvindo: o que vocês querem?

11. Quais são as perspectivas do programa para o ano de 2019 dentro do cenário cultural, social e político atual?

De manutenção, infraestrutura e orçamento ainda não sabemos, mas acredito que sim porque faz parte do funcionamento do museu. Para o museu é muito claro a relevância da existência do programa. Acredito que o quanto for possível para o museu, o programa vai continuar em 2019. Agora de público, acho que é uma coisa cíclica. Aonde as gerações decidem passar o tempo, isso é variável... não sei se você conseguirá me entender: durante os anos de 2013, 2014, 2015 e 2016 estávamos falando com uma geração de jovens que estava curtindo esteticamente, culturalmente e sexualmente o parque Ibirapuera. Na sequência veio uma geração, porque em 4 anos muda-se bastante, que já estava interessada em outros lugares da cidade de São Paulo também, de repente se dirigir para a rua Augusta ou outro lugar. O ano que vem pode iniciar uma nova geração que pode ter interesse novamente pelo parque por diversos motivos, então não tem como saber. O que é possível saber é o seguinte: se a cidade perde outros espaços de permanência gratuita na cidade de São Paulo, no parque Ibirapuera sobe novamente a quantidade de pessoas. O que não é legal também, porque quanto mais espaços tiver na cidade, mais opções para as pessoas fazerem e poderem ocupar os espaços da maneira como elas quiserem. A ocupação do espaço público é uma coisa difícil de prever. Se o transporte irá influenciar, quantos outros espaços estiverem abertos, os interesses das gerações. Quando eu falo em geração, é porque de 13 a 24 anos é a geração que mais estava em peso no parque de 2013 a 2016. Daí, de repente isso teve uma mudança agora nesse último ano. Mas a gente vai continuar, porque é um espaço público onde faz total sentido oferecer uma programação gratuita, acessível e cultural que seja do interesse e que comunique com a diversidade que a gente vive hoje: política, cultura, artística, sexual, regional, de gênero etc.

APÊNDICE B – Entrevista com o grupo Breaking Ibira, representado por Thiago Vieira

A1 Entrevista por redes sociais realizada em 29/01/2019

Nacionalidade: brasileiro Idade: 32 anos Profissão: arte educador/oficineiro

1. Como surgiu o Breaking Ibira? Poderiam contar um pouco a trajetória?

Breaking surgiu nos EUA de uma maneira bem espontânea através das comunidades negras e latinas do bronx, surgiu nas festas que eram chamadas de block partys que surgiram logo após o fim das guerras generalizadas de gangues que ocorriam na região(referência documentário Rubble kings) nelas a galera desenvolveu a dança sob forte influência de danças latinas como a salsa por ex além do kung fu(influência de filmes e séries da época e sua movimentação dinâmica) , sapateado e até mesmo a capoeira(essa não se sabe exatamente o quanto mas é certo de que existe muita influência)

Não existe um criador específico porém existem diversos dançarinos e crews que desenvolveram a dança cada um a seu estilo em sua região, as batalhas surgiram como uma forma de direcionar essa energia negativa vinda das guerras de gangues para algo positivo que era o desafio da dança em si, e com o fim das gangues muitas se transformaram nas primeiras crews de breaking, tudo isso em meados dos anos 70 ao som de james brown, Koll and the gang e outras bandas de funk, a princípio a dança era apenas em pé como que chamamos de TOP ROCK pouco tempo depois começaram a desenvolver passos no chão que chamamos de footwork

O breaking se espalhou rapidamente por todas as regiões de negros e latinos assim como outras danças chamadas de funk styles, o breaking se concentrou a princípio em NY e região, a grande referência desse período é a Rock Steady, na década de 80 o breaking assim como as funk styles como o Popping e Locking e se tornou uma febre do início dos anos 80 aparecendo em diversos programas de tv , nesse período foi lançado o filme "Beat Street" o qual chegou a alguns cinemas no Brasil e foi a forma a qual a maioria das pessoas aqui conheceram a dança isso por volta de 84/85 - rapidamente formou adeptos que saíam do cinema dançando "literalmente" pois tentavam executar os movimentos dos filmes, a estação São Bento no centro de SP acabou se tornando um ponto de referência e de encontro para dançarinos do Brasil todo, muitos vieram para SP após tomar conhecimento do fato e surgiram as primeiras crews do Brasil um ex é a Back Spin (1985) e minha crew Guetto Freak (1986) a segunda formada em Aracaju.

Ao fim dos anos 80 o breaking já não era mais novidade nos EUA e foi descartado pela mídia que outrora chamava de break dance, porém ja havia sido divulgado ao mundo todo e rapidamente cresceu em regiões da europa, asia e america latina, países como França, Alemanha e UK criaram competições que até hoje existem. Ex Battle of The year (surgiu na alemanha e hoje é realizado na França) UK- B.boy em UK e em países como Japão e Korea do Sul, chegando no início dos anos 2000 surgiram grandes competições que mudaram o cenário e o patamar da dança aproximando mais do main stream, e hoje existem grandes competições a nível mundial em todo planeta,

Breaking é dividido em 4 etapas sendo 3 essenciais e outra é complemento, porém não menos importante:

- *Top rock: a dança praticada em pé;*
- *Footwork: dança em quatro apoios no solo;*
- *Freeze: considerado uma finalização, porém não tendo uma obrigatoriedade de ser dessa forma atualmente;*

- *Power move: movimentos com alto grau de dificuldade, geralmente com giros extremamente técnicos.*

Além desses há também os tricks & combos que são uma variação dos freezes em quantidade elevada. E o abstract style que não possui uma forma definida e foi desenvolvido a partir da relação com outras danças (ex dança contemporânea).

B.boy/b.girl é a classificação dos dançarinos da modalidade.

2. Poderia falar um pouco dos membros do grupo: profissão/estudo, onde moram, qual o vínculo com o Breaking?*

Eu te respondo quando o Raiz retornar.

**Não houve resposta do grupo.*

3. Como funciona o grupo: tem hierarquia? Processos de organização?

Somos duas pessoas, eu e o raiz, não temos hierarquias, fazemos pequenas reuniões onde cada um dependendo do mês e da disponibilidade cuida de determinada função dependendo da carga horária.

Todo formato ele está pré-programado mas pode sofrer alterações então sempre 30 ou 40 dias antes definimos as possibilidades, quem vamos convidar para apresentar um workshop ou se vai ser competição, quem fará parte do grupo de jurados, mc ou outra apresentação

4. Como definem suas atividades?

Parte dessa já está na questão 3, procuramos definir de acordo com o que acreditamos ser bom para chamar público, porém às vezes o que pode contribuir para cultura em si, daí os workshops, por exemplo. Às vezes os próprios dançarinos dão ideias de edições, o que poderia ser feito.

5. Poderiam falar dos locais onde tem espaço/abertura para diálogos, oficinas e/ou atividades e com que frequência?

Existem alguns locais em toda SP e região:

- *CCSP- muita gente prática lá desde 2010, inclusive a relação do centro Cultural com os bboys e bgirls acabou por expandir a abertura para outras danças, hoje o ccsp é repleto de varios dançarinos com suas vertentes;*
- *Estação Tamanduateí; quase todos os dias a galera prática durante a semana principalmente;*
- *Estação São Bento; considerada o berço do hip hop, mensalmente diversas pessoas da cultura hip hop se encontram pra dançar e trocar ideias;*
- *Jam Olido; mais voltado para danças urbanas em geral muito frequentada desde 2008 todo 1º domingo do mês;*
- *For fun party; outro evento mensal que acontece mensalmente (as vezes fura) encontro de dançarinos com workshops, cyphers, bate papo e etc.*

6. O que vocês acham da visibilidade do grupo? Tem espaço na mídia, seguidores nas redes sociais, são convidados para eventos etc.?

Acreditamos que desde que o B. Ibira surgiu a galera do breaking já em boa parte se acostumou, temos uma página no Facebook onde divulgamos as atrações do mês, além do nosso perfil pessoal, fora isso no ano de 2018. Fizemos parte do livro do educativo do mam (preciso recordar o nome) e também da exposição o MaM e nós no meio, além de um documentário que gravamos no fim do ano mas ainda não sei quando vai sair (deu branco não lembro nada kk).

7. Vocês têm apoios, parcerias com outros grupos?

Além do MAM não firmamos nenhuma parceria, queremos investir nessa possibilidade, mas nada em vista ainda.

8. Já sofreram ou sofrem ameaças ou críticas?

Como breaking ibira não, houveram alguns episódios específicos mas creio que uma parte pode ser mal-entendido.

Um exemplo foi em 2017 no auge daquela situação onde teve a exposição do corpo nu e a mãe e a criança do MAM, foi muito comentado em redes sociais, durante essa situação o educativo lançou um flyer nosso na página do face, bem foram centenas de comentários nos criticando não entendemos nada rsrsrs, ficamos receosos no momento mas tudo foi esclarecido, no mais se houverem críticas por parte das pessoas que frequentam tentaremos primeiro observar como uma possibilidade de melhorar algo que podemos não estar enxergando, a crítica motivada pelo preconceito geralmente ignoramos

9. Qual a relação do grupo com políticas públicas? Tem apoio do Estado de SP, alguma secretaria?

Não, porém uma possibilidade de buscarmos também é viável para próximas edições.

10. Dentro do nosso cenário político atual e de uma cultura hegemônica de padronização de valores em contrapartida a grupos minoritários, quais as perspectivas para o futuro do Breaking Ibira?

Bem isso é bastante discutido, o fato é que como cultura de rua o breaking e o hip hop já sofreram muita exclusão e repressão, principalmente nos anos 90 e 2000, então de certa forma não tem nenhuma novidade nesse sentido, o breaking ibira não sou eu nem o raiz, acredito que sempre que houver um b.boy/b.girl dançando ou fazendo uma roda, e se organizando positivamente, aquilo também é breaking ibira, não temos necessidade de sermos donos de algum status diante da nossa própria arte, se um dia (tomara que não) mas o MAM resolver não mais investir no breaking ibira, vai continuar existindo, breaking não é uma dança da moda, é uma dança da resistência cultural, muitos conhecem pelo momento que pode ser um "hype" mas só permanece quem ama a parada, e isso independe do cenário político, depende das pessoas e da vontade de fazer a nossa arte acontecer.